

Portugal e Brasil: uma relação tão delicada\*

Lúcia Lippi Oliveira (CPDOC/FGV)

Muitos livros foram publicados recentemente sobre as relações entre portugueses e o Brasil. Entre eles podemos citar *Os Lusíadas na aventura do Rio moderno* (2002), livro organizado por Carlos Lessa que reúne importantes trabalhos enfocando diferentes campos e perspectivas sobre a presença lusitana na vida da cidade do Rio de Janeiro. A relevância dos trabalhos sobre o tema nos leva a fazer um balanço sobre o significado da emigração para a sociedade lusitana e a abordar os choques culturais decorrentes do contato entre as duas culturas.

Para uma compreensão mais abrangente do fenômeno torna-se relevante lidar com as imagens sobre Portugal e os portugueses que foram sendo construídas pela elite letrada brasileira. Pode-se encontrar linhagens de autores que acusam e recusam a herança ibérica como há outras que valorizam esse passado e consideram-no adequada aos novos tempos.

#### *Colonização e emigração*

Em primeiro lugar torna-se necessário pensar separadamente duas experiências históricas e sociais distintas no mundo português. Uma delas é a colonização portuguesa nas terras do Novo Mundo criando uma colônia que no século XIX se torna independente de Portugal. Outra experiência é a vinda de imigrantes portugueses para a antiga colônia no bojo do movimento emigratório que atinge a Europa no final do século XIX e início do XX.

Inúmeros autores têm mencionado esta diferença. Eduardo Lourenço, por exemplo, em seu livro *A nau de Ícaro* (2001) e, em particular no artigo “A nau de Ícaro ou o fim da emigração”, explora o estado atual da cultura portuguesa com o fim da emigração. Para o autor há uma diferenciação entre as saídas— de Lisboa, Sevilha, Londres, Dieppe, Hamburgo, Amsterdã— para fora da Europa quando se realiza um empreendimento de caráter planetário que recebeu os nomes de “expansão”, de “conquista”, de “colonização”, e o que veio a acontecer depois na chamada emigração. Esses movimentos, lembra o autor, ainda não são a verdadeira emigração. Para Lourenço os verdadeiros primeiros emigrantes foram os peregrinos do Mayflower que partiram para uma nova terra prometida. Tinham um sentimento ou a certeza do não regresso ao lugar de origem. E mesmo esses criaram uma Nova Inglaterra, o que mostra que não cortaram imediatamente o cordão umbilical com a Europa.

Os castelhanos, primeiros migrantes para a nova terra, partiram para “um território que, antecipadamente, consideravam seu”. Os portugueses também. É certo que viajavam procurando uma melhor sorte, e estiveram sempre guiados pelo desejo de regresso. Vinham para terras

---

\* Esse texto faz parte de um artigo que aborda as relações Brasil-Portugal e integra a pesquisa O Brasil dos imigrantes pela qual recebi bolsa de produtividade do CNPq por dois anos.

açucareiras do Nordeste da colônia e depois para a região do ouro das Minas Gerais como senhores e sentiam no fundo de si a necessidade de um retorno simbólico à Europa.

Antes do século XIX, os europeus não emigram no verdadeiro sentido da palavra já que emigração “supõe que alguma coisa de melhor do que se deixa nos espera para nos dar oportunidade de mudarmos de estado ou de funções” (p.45). Os colonos ibéricos são espanhóis e portugueses no Novo Mundo e, principalmente, não inventaram uma nova identidade simbólica. Os portugueses partiram e agiram “como se nunca tivessem saído de casa... Mais tarde, pagarão essa vocação ‘migratória sem invenção de identidade, por assim dizer, com um suplemento de nostalgia’(p.48).

Os milhões de portugueses que partiram ao longo dos séculos não dotaram essa experiência de um sentido trágico nem mesmo dramático, nos diz Eduardo Lourenço. “Talvez isso explique que a nossa literatura [portuguesa] tenha tomado tão pouco em conta a figura do imigrante”(p.48). Ele só é glorificado quando regressa como filho pródigo ou quando já produziu uma nova identidade e já se tornou outro. As nações emigrantes, lembra o autor, não podem assumir positivamente o fenômeno já que se trata de expulsão, de incapacidade de integração na Europa. “Ela livra-se dos seus pobres para que se tornem ricos (ou menos pobres) algures”(p.50).

#### *A emigração portuguesa*

Portugal não foi um caso isolado de emigração nem mesmo um caso particular, apenas seus filhos tiveram um destino preferencial: o Brasil. O movimento de emigração cresce a partir da segunda metade do século XIX e chega ao seu momento máximo entre 1911 e 1913, considerado como período de êxodo maciço. No fim do século XIX e início do XX, com a verdadeira emigração, o antigo senhor vai para as antigas colônias como trabalhador. “A cor da pele protege-o e humilha-o no novo papel de homem branco que tem de carregar sobre seus ombros o fardo do antigo colonizador”(LOURENÇO, 2001, p.51). A sociedade portuguesa estava às voltas com o início do regime republicano (1910) e o fenômeno da emigração era associado ao abandono que os governos monárquicos deixaram sua população rural.

A emigração era vista como mais um sinal de decadência do país e revelava a incapacidade e fraqueza de um povo e de uma nação que se mostravam incapazes de produzir e oferecer a seus filhos os meios de subsistência assim como havia sido incapaz de conservar os seus ‘direitos históricos’ ou melhor, a suas pretensões coloniais (CAIEIRO, 2002, p 34). Desde modo reforça-se a idéia de decadência que estaria atingindo Portugal durante o século XIX. Pesquisando os jornais Domingos Caieiro pode observar e inferir a intensidade do fenômeno da emigração e os sonhos que ela envolveu principalmente ao falar do Brasil – sua antiga colônia - como terra de promessa, o Eldorado. Os jornais conseguiam difundir idéias e casos sobre os portugueses que tinham abandonado a terra ainda que a população portuguesa fosse de 90% de analfabetos. Muitas dessas

notícias incentivavam milhares de portugueses a abandonar o mundo rural e tomar o caminho do Brasil em busca de melhores condições de vida. A notícia da emigração fazia crescer a emigração produzindo o que se chamou á época de “febre da emigração”. As crises e os problemas da agricultura em algumas regiões, principalmente do Douro e Trás-os-Montes, estiveram sempre presente nos primeiros anos da República e servem para reforçar a necessidade de partir.

É importante ressaltar que não emigraram os naturais das aldeias mais atrasadas de Portugal mas sim aqueles que sabiam das oportunidade de trabalho e que tinham algum conhecido que já emigrara. Os pioneiros e o efeito-demonstração de seus casos exerciam grande atração difundindo o sonho de vir para o Brasil e retornar rico. As redes de apoio comunitário no ponto de destino também são importantes já que delas dependeu muito do êxito alcançado. “ Os galegos e os portugueses do Minho concebiam a sua emigração como uma estratégia temporária e sonhavam com o regresso à aldeia de origem. Por isso, era mais lógico que tentassem a sua sorte na cidade e não a compra de terras, o que implicaria na sua permanência” (SEIXAS e VÁZQUES, 2002, p. 26). Ao lado da massa de trabalhadores rurais houve também uma elite migrante que como comerciante, industrial, importador fez fortuna e ascendeu socialmente e que procurou organizar iniciativas para criar instituições mutualistas, recreativas, culturais procurando o bem-estar da comunidade emigrante e melhorias do país ou aldeia de origem.

A sangria demográfica produziu um envelhecimento da pirâmide da população e uma perda de novas gerações. A emigração produziu também a saída dos mais jovens e preparados e privou os camponeses dos líderes que poderiam enfrentar com as elites tradicionais. Por outro lado, as remessas de divisas, fomentadas pelos “rios de ouro” provenientes do Brasil no fim do século XIX, tornavam a emigração um bom negócio.

Muitos autores falam de Portugal como um país marcado pela diáspora já que esta noção envolve a noção de retorno a um lar muitas vezes mitificado... “Decorrentes desta tradição emigratória, as comunidades portuguesas no estrangeiro são significativas. Dados de 1981 mostram que a população residente em Portugal era de 9.806.300 habitantes, estimando-se a existência no mesmo período de 3.856.360 portugueses residentes no estrangeiro, 1.200.000 dos quais no Brasil. Outros países receptores são Estados Unidos, Canadá, Alemanha, Venezuela, África do Sul; Argentina e Holanda colocam-se entre outros que receberam menor número de imigrantes no período 1961-1967. A França, a partir de 1960 supera o Brasil, até então o maior receptor de imigrantes portugueses. (Rocha-Trindade *apud* LANG, 1999, p.2)

“Esta circunstância levou Portugal à adoção de uma concepção alargada de país, considerando não o território, mas o povo de língua portuguesa. É um conceito de nação dispersa, alargada, extensiva a todo local onde existam comunidades portuguesas, fazendo com que as relações de Portugal com tais comunidades se acentuem.” (LANG, 1999, p.2)

A emigração aparece imbricada com um discurso político que lutava para exigir das autoridades leis de proteção para o emigrante, apoio e atendimento de suas demandas para fixação no Brasil. “O problema interno da sociedade portuguesa continuava insolúvel, e a emigração tornava-se uma indústria, (...), que trazia dividendos para o reino” (CAIEIRO, 2002, p. 37).

Seja pela quase identidade de língua, pela presença de ancestrais comuns, pela mesma religião, pela presença de familiares e de membros da mesma aldeia, tudo isto facilitou a assimilação no novo território, principalmente para aqueles portugueses que estavam sendo expulsos de Portugal – a febre da emigração que assolou aldeias e povoados.

#### *A imigração portuguesa*

No Rio de Janeiro de 1872, 2/3 dos imigrantes eram portugueses; em 1906 eles compunham 71% dos estrangeiros que viviam na cidade; em 1920 os portugueses eram 15% da população carioca (FLORENTINO e MACHADO, 2002). No ensaio, “Imigração portuguesa e miscigenação no Brasil nos séculos XIX e XX”, Manolo Florentino e Cacilda Machado oferecem um rico panorama das diferentes estratégias que marcaram esses imigrantes. Os autores levantam e discutem as teses já conhecidas e aceitas principalmente aquelas referentes às condições estruturais das regiões portuguesas que deram origem a maioria dos imigrantes, a saber: altas taxas de fecundidade; predomínio da pequena propriedade; restrição da partilha de terras na herança; redes de relações sociais fortemente estruturadas (p.105). Por outro lado levantam questões novas tomando como fonte principal o acompanhamento da história de uma família cujo primeiro membro chega ao Brasil em 1910. Entre as novidades cabe destacar: os portugueses mantiveram um alto padrão endogâmico, mais do que outros grupos imigrantes; tiveram baixos níveis de naturalização o que entrevê um padrão de migração transitória também guiado pela aplicação das poupanças conseguidas no Brasil em Portugal; e, por fim, observa a prática imigratória como uma estratégia parental visando a ascensão social já que os laços econômicos e afetivos não eram rompidos entre os dois lados do Atlântico – os jovens que emigram eram uma espécie de tentáculos da ação familiar.

Os dois autores reafirmam que os portugueses deram contribuição fundamental para a estruturação e dinâmica da miscigenação nos primeiros séculos da sociedade brasileira. Entretanto, já no início do século XIX, o imigrante português se comporta de modo mais regrado do que comumente se imagina (p.112). Ao encontrar no Brasil uma base populacional maior e mais assentada ele praticava uma seleção – “buscava portuguesas até onde estas lhe fossem disponíveis, partia para as brasileiras brancas descendentes de imigrantes lusos recentes, e, por fim, para as brasileiras brancas de longínqua ascendência lusitana” (p.112). Essas observações servem para que possamos tratar o português como um dos grupos imigrantes que chega ao país junto com os galegos, os espanhóis, os italianos e outros...

No espaço privilegiado para o imigrante urbano – o comércio -, constituem os atores principais desse processo o negociante e o caxeiro. Entre os portugueses pobres que aqui chegaram constituiu-se uma categoria comum à época: os caixeirinhos portugueses ou galegos que jovens, chegavam à cidade e passavam a trabalhar, dormir, viver nos locais de trabalho. Trabalhar duro como empregado de algum parente, vizinho ou patrício era a perspectiva mais comum para os que vinham sem capital. Diante dessas condições de vida, se tornam agregados e, quando perdiam o emprego, perdiam tudo. Nesse caso passavam a se somar à massa de jovens fora da lei. Alguns conseguiram pelo trabalho árduo, pelo casamento, vencer as barreiras da mobilidade social. São mais conhecidos os casos de sucesso do imigrante, como os que fundaram a Confeitaria Colombo ou, mais recentemente, as Casas Sendas, (MENEZES, 2000, p. 167). Como nos diz Lená Medeiros de Menezes “ao longo de todo o século XIX e até as leis restritivas da Era Vargas, a população portuguesa não parou de crescer na capital federal” (p.169), entretanto, sabemos também que os portugueses foram excluídos das normas que restringiram entrada de estrangeiros na década de 1930.

No Brasil, os portugueses faziam renascer de um lado do Atlântico a casa da aldeia, a comida da terra, o que mostra o sucesso da política portuguesa em terras brasileiras. Foi no espaço doméstico que se preservou muitas das raízes portuguesas – a imagem de Nossa Senhora de Fátima, o galo de Barcelos, a aldeia lembrada em quadros ou em pratos de parede. O imigrante bem sucedido vai introduzir melhoramentos em sua aldeia mas, ao voltar à terra é chamado de “brasileiro”. A proximidade de língua, de religião católica, de tipo físico e até de nomes facilita sua integração no Brasil ainda que laços culturais com Portugal se mantenham. A existência de programas de música popular portuguesa nas rádios no Brasil, muitos deles dirigidos aos imigrantes e seus descendentes, reforçam os laços com as regiões de origem e a terra natal. Tudo isto faz do português o caso mais nítido de duplo pertencimento, principalmente na geração que imigrou: em Portugal são “brasileiros”, no Brasil são ainda “portugueses”.

Muitos depoimentos de imigrantes portugueses reforçam o choque ao chegar na nova terra e diante da figura do negro e dos mestiços nos trópicos. Um imigrante português, nos anos 1930, expressa com clareza essa situação ao relatar para seus familiares a aventura da viagem:

“Meu pai, Francisco da Motta, contava e recontava a história de sua viagem para o Brasil em 1936. Ele e seu irmão, com 11 e 9 anos, viajavam com a mãe para encontrar o pai, que já estava no Brasil. Foi no navio que, pela primeira vez, viram um negro. A imagem do cozinheiro do navio, com um enorme facão na mão, apavorou os meninos até que, vencido o susto, fizeram amizade com ele e passaram a ajudá-lo descascando batatas na cozinha. Como pagamento recebiam “bifes” na refeição o que muito lhes agradava já que não comiam carne de boi na aldeia e ela também não fazia parte do cardápio da terceira classe do navio. O segundo susto foi o de verificar, ao parar no Recife durante o Carnaval, que existiam muitos, milhares de negros, como aquele que conheceram no navio” (OLIVEIRA, 2001).

O choque na chegada à nova terra está presente em depoimentos relatados em diferentes trabalhos. Ouvindo mulheres portuguesas que chegaram ao Rio de Janeiro nos anos 1950, por exemplo, Vanessa Tavares Dias observa que a interpretação do ‘primeiro instante’ no Brasil, apresenta muitas categorias comuns “construídas pelas informantes (...). São elas: a sujeira, o aspecto velho da cidade, a existência de pessoas negras, os palavrões, pessoas vestidas de maneira informal, o calor. Estes aspectos acabam aproximando-se à percepção de uma ilegalidade e obscenidade encontrada na sociedade receptora, em oposição à educação e tradição que traziam de suas aldeias. Todos esses aspectos sugerem ainda uma certa desorganização social, uma mistura de impressões que foge a qualquer padronização.” (DIAS, 1997, p.129-130).

Já observei em outro texto (OLIVEIRA, 2001) que o papel dos imigrantes foi fundamental para que o trabalho viesse a ser considerado uma atividade digna. Os que já viviam na terra sabiam dos limites e obstáculos quase intransponíveis – estou pensando no povo brasileiro composto em sua maioria por ex-escravos. Para esses o trabalho árduo daqueles recém chegados era mesmo incompreensível. Para os que conheciam bem as manhas da terra a melhor solução era outra mais ligada ao jeitinho, à malandragem. Para quem se matar de trabalhar se os frutos do trabalho não retornavam nunca aos que tinham se esforçado tanto... Talvez isto sirva para compreender como e porque o imigrante português ao se “matar de trabalhar” ganhou no Brasil a qualificação de “burro de carga”... É importante lembrar que uma das mais importantes contribuições dos imigrantes à cultura brasileira foi a superação da barreira contra o trabalho braçal/manual, herança dos quase 400 anos de escravidão.

A presença do português no Brasil, principalmente daqueles que conseguiram vencer na vida, se fez notar em diferentes instituições. No século XIX, por exemplo, foi criado o Real Gabinete Português de Leitura (1837) que em 1900 se muda para novo prédio construído em estilo manuelino e cujo salão nobre é decorado com os cânticos de *Os Lusíadas*. O Liceu Literário Português, o Clube Ginástico Português e a Sociedade Portuguesa de Beneficência são também criados durante o século XIX.

Nas primeiras décadas do século XX os portugueses que integram as levas de imigrantes chegados ao país são reunidos em sociedades recreativas que fazem referência ao lugar de origem. Assim, a Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro, de 1923; a Casa do Minho, fundada em 1924; a Casa dos Poveiros, de 1930. Em 1931 acontece no Rio de Janeiro o Primeiro Congresso dos Portugueses do Brasil reunindo representantes de 74 associações portuguesas de todo o país.

Uma das festas típicas organizada nessas Casas é a que homenageia com banda de música, barraquinha de jogos, de sorteios e de comidas os dias de Santo Antônio, São João e São Pedro. As festas juninas confirmam a fé religiosa, o espírito de família e reafirmam a superioridade dos padrões e valores portugueses. Ao reforçar a identidade do grupo e garantir sua coesão, esses

clubes ajudam o imigrante a enfrentar o afastamento da aldeia natal e suas festas ajudam a adaptação do camponês português à vida urbana (LOBO, 2001, p.93-102). A cultura trazida pela maioria dos imigrantes era a da vida rural atrelada aos vínculos de solidariedade comunal. As festas, as cantigas e as músicas trazidas pelos imigrantes se fundem com as tradições medievais lusas, oriundas do período colonial e já mescladas com as africanas e as índias.

Por outro lado os portugueses que conseguiram ter sucesso em seus empreendimentos e que hoje constituem uma categoria comum da cidade – os donos de padarias e restaurantes- mantiveram e reafirmaram um traço comum da sociedade brasileira: o preconceito racial contra os negros. Basta observar os balconistas de seus estabelecimentos e se verá que são em sua maioria brancos ou mestiços claros – muitos nordestinos cuja presença africana se deu a algumas gerações atrás.

### *O significado da presença portuguesa no Brasil*

No século XIX as colônias portuguesas e espanholas se tornam Estados nacionais ao mesmo tempo que a África se torna disputada e colonizada pelos europeus. Os países da chamada América Latina se tornam independentes mas mantiveram uma posição subordinada em relação ao mundo europeu. Os colonizadores espanhóis e portugueses não tinham credibilidade imperial. Portugal foi considerado subalterno pelo brasileiro, era representado como um país anacrônico, como na expressão sentimental brasileira de “Portugal, meu avozinho”. Essa posição de subordinação, é preciso lembrar, pode ser observada durante o século XIX quando a coroa portuguesa no Brasil convoca a Missão Artística Francesa para ensinar aos portugueses e brasileiros no Brasil os padrões estéticos necessários a uma metrópole ainda que ela estivesse itinerando pelos trópicos. “O legado cultural ibérico é considerado retrógrado e impraticável pelas elites pós-coloniais, imitativas das condições de progresso representadas pela sociedade anglo-saxônicas e francesa” como menciona Carlos Alberto Afonso (2001, p.218).

As relações do Brasil com o mundo ibérico e, em especial, com Portugal, são relações permeadas pela mais profunda ambigüidade. O português integra o mito de fundação do país ao constituir, pela miscigenação com a índia e depois com a negra, o povo brasileiro. A colonização produziu extrema mistura racial que recebeu diferentes avaliações ao longo do tempo. Houve momentos de valorização da mestiçagem, e outros de reprovação da mestiçagem. Igualmente variada tem sido a avaliação da herança ibérica, ora de aprovação, ora de condenação. Há mesmo linhagens de autores que acusam e recusam a herança ibérica como há outras que valorizam esse passado e consideram-no adequada aos novos tempos.

No século XIX Tavares Bastos inaugura uma tradição de análise que considera a transferência da cultura política do patrimonialismo português para a Colônia uma marca que comprometeu a realidade do Brasil com o despotismo político e com o atraso (VIANNA, Werneck, 1997). A condenação ao mundo ibérico no século XX pode também ser encontrada na obra de

Manuel Bonfim *A América Latina – males de origem* (1905), onde o autor identifica o “parasitismo” do Novo Mundo como herança das antigas metrópoles. Sua obra se opunha à visão que considerava o atraso dos países da América do Sul resultado da miscigenação e degeneração das raças e da insalubridade do clima tropical. O parasitismo ibérico, transmitido aos países latino-americanos, produziu uma terrível exploração econômica já que o trabalho era desprezado pelas elites. Essas criaram uma casta de funcionários para extorquir tributos dos responsáveis por toda a criação de riqueza, os africanos e indígenas. Esse traço de origem dos males latino-americanos, explicaria melhor seus problemas do que a incapacidade dos mestiços para o progresso. O povo, composto basicamente por mestiços, não portava nenhuma inferioridade racial e sim expunha o descaso e as deficiências da educação. As interpretações de Manuel Bonfim tiveram como fontes principais a *História da América* de Rocha Pombo e a *História de Portugal* de Oliveira Marques.

Ao longo do século XX o personalismo e o patrimonialismo foram conceitos chaves presentes nas análises que apontaram o atraso e o subdesenvolvimento brasileiro, como em *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda e *Os Donos do poder* de Raimundo Faoro. Considerados como “herança ibérica” tais traços culturais são responsabilizados pela modernidade capenga, incompleta, inautêntica do Brasil. Os anti-iberistas, em sua maioria, nos lembra Jessé Souza, comungam do pressuposto da superioridade moral e cultural do protestante frente a cultura católica (SOUZA, 2000).

O reconhecimento da herança ibérica não recebeu somente avaliação negativa. Na vertente dos chamados iberistas estão aqueles que como Eduardo Prado consideram ser necessário restaurar e revitalizar o passado. Há também entre os iberistas aqueles que pensaram como o passado poderia entrar na construção do futuro, como em Oliveira Vianna, daí a ordenação corporativista como instrumento da modernização do país. Mas certamente é Gilberto Freyre o principal autor que valoriza o passado lusitano na formação do Brasil e será ele também quem aponta, principalmente em *Ordem e progresso*, para além das continuidades, as profundas transformações advindas da modernidade no início do século XX.

Como nos diz Luiz Werneck Vianna (1997) na polêmica entre americanistas e iberistas há uma concordância sobre a presença estrutural do iberismo no Brasil variando a interpretação como negativa ou positiva e nessas duas vertentes é possível encontrar-se um “contínuo reiterar da cultura de fundação”. E essa marca continua presente nas interpretações eruditas e populares do Brasil. Em seu livro de ensaios, *A nau de Ícaro*, Eduardo Lourenço trata da cultura portuguesa nas últimas décadas do século XX, considerando-a marcada por um duplo exílio: o interior e o europeu. Trata da nova situação de Portugal a partir da descolonização (1974) e do seu ingresso na Comunidade Européia (1985) e assinala o desafio representado pelo reencontro de Portugal com a Europa, “depois de cinco séculos de perambulação pela África, Brasil e Oriente”. “Há cinco séculos, pois,

que a Europa se exporta através de seu comércio, de seu *savoir faire*, das suas idéias, das suas modas, da sua religião. Ela coloniza e emigra para consolidar a sua presença ou para se livrar dos seus pesadelos” (LOURENÇO, 2001, p.52).

A partir da segunda metade do século XX a Europa vira-se para si mesmo, retornando a uma situação de antes do século XV. Foi com a ajuda dos recursos norte-americanos, com o Plano Marshal, que a Europa consegue empregar sua mão-de-obra na tarefa de sua reconstrução. Nasce então uma emigração volante, intra-européia, que faz da Europa uma continente de imigração. A Europa torna-se para muitos portugueses uma América.

Portugal que sempre fora ligado ao lá fora: a Índia, o Brasil, a África e a Europa agora tem que lidar com a perspectiva de construir um futuro a partir de si próprio. A Europa convoca a Ibéria para que se torne européia mas isto não significa que seu passado possa ser anulado. Será possível dizer que nessa volta à Europa Portugal redescobre o Brasil de duas maneiras. Com a presença de imigrantes brasileiros na “terrinha”, o que inverte o sentido da migração, e com investimentos portugueses no Brasil.

#### *Bibliografia*

- AFONSO, Carlos Alberto. “Ocidente subalterno”. In : SANTOS, Boaventura de Souza; COHN, Amélia e CAMARGO, Aspásia (orgs.). *O diálogo dos 500 anos Brasil & Portugal; entre o passado e o futuro*. Rio de Janeiro, EMC, 2001, p. 215-245.
- ALVES, Jorge Luís dos Santos. “Em busca do eldorado: a emigração portuguesa para o Brasil (1890-1930). *Dia-Logos*, revista de História, UERJ, Ano II, n. 2. p.61-75.
- CAIEIRO, Domingos “Uma leitura alternativa” no dossiê sobre a emigração. *Revista História*, Lisboa, n. 42, fevereiro 2002.
- DIAS, Vanessa Tavares. “Memórias da casa: um estudo sobre mulheres imigrantes portuguesas no Rio de Janeiro.” Dissertação de mestrado apresentada no programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1997.
- FELDMAN-BIANCO, Bela. “A saudade portuguesa na América: artefatos culturais. Histórias orais e a tradução da cultura”. *Revista Crítica de Ciências Sociais*. Coimbra, n.45, 1996, p.113-126.
- FLORENTINO, Manolo e MACHADO, Cacilda. “Imigração portuguesa e miscigenação no Brasil nos séculos XIX e XX”. In: LESSA, Carlos (org.). *Os Lusíadas na aventura do Rio moderno*. Rio de Janeiro, Record/Faperj, 2002, p. 91-116.
- LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. “Imigrantes portugueses em São Paulo: Reconstruindo identidades.” XXIII Encontro Anual da ANPOCS, 1999.
- LESSA, Carlos . “Rio, uma cidade portuguesa?” In: LESSA, Carlos. *Os Lusíadas na aventura do Rio moderno*. Rio de Janeiro, Record/Faperj, 2002, p.21-61.
- LOBO, Eulália Maria Lahmeyer. *Imigração portuguesa no Brasil*. São Paulo, Hucitec, 2001.
- LOURENÇO, Eduardo. *A Nau de Ícaro*. São Paulo, Cia. das Letras, 2001.
- MENEZES, Lená Medeiros de. “Jovens portugueses: histórias de trabalho, histórias de sucessos, histórias de fracassos”. In: GOMES, Angela de Castro (org.) *Histórias de imigrantes e de imigração no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2000, p. 164-182.
- OLIVEIRA, Lucia Lippi. *O Brasil dos imigrantes*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001. [Coleção Descobrimos o Brasil]
- PAULO, Heloisa. *Aqui também é Portugal*. A colônia portuguesa do Brasil e o Salazarismo. Coimbra, Quarteto, 2000.

PIRES, Antonio Liberac Cardoso Simões. “Os portugueses capoeiras. Imigração, cultura e conflitos nacionais na cidade do Rio de Janeiro (1890-1937)”. In: Glaucia Villas Bôas (coord.). *Territórios da língua portuguesa: culturas, sociedades, políticas*, Rio de Janeiro. UFRJ/FJB, 1998, p.537-543.

ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz. *Sociologia das Migrações*. Lisboa, Universidade Aberta, 1995.

———. “Espaços da herança cultural portuguesa – gentes, factos, políticas”. *Análise Social*, vol. XXIV (100), 1998 (1. 313-351)

SILVA, Maria Manuela R. de Sousa. “Portugueses no Brasil: imaginário social e táticas cotidianas (1880-1895)”. *Acervo: Revista do Arquivo Nacional*, v. 10, nº 2, julho/dezembro de 1997, p. 109-118.

VIANNA, Luiz Werneck. *A revolução passiva: iberismo e americanismo*. Rio de Janeiro, IUPERJ/Revan, 1997.

VIEIRA, Nelson H. *Brasil e Portugal- a imagem recíproca*. Lisboa, Ministério da Educação, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1991.